

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



DOMINAÇÃO E RESISTÊNCIA: AS LUTAS INDÍGENAS NOS SERTÕES CEARENSES (SÉCULO XVIII)

Thais Maria Bezerra Ferreira Silva¹, Darlan de Oliveira Reis Junior²

Resumo: O presente projeto tem por objetivo analisar as diferentes formas de resistência dos povos nativos, ao processo colonizador na capitania, no decorrer do século XVIII. A exploração dos povos indígenas assumiu várias formas - escravização ilegal, escravização pela chamada "guerra justa", usurpação das terras, submissão através de outras formas de trabalho compulsório e a catequização. A conquista da espacialidade não se deu sem resistência, o processo de dominação foi permeado de conflitos, porém proporcionou a formação da classe senhorial, detentora das terras, proprietárias de pessoas e que buscava o controle das águas, condição importante nos sertões cearenses. São realizadas análises em fontes coloniais referentes ao recorte espacial da pesquisa em formato digital e textual, presentes no acervo do Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), laboratório vinculado do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). A documentação utilizada encontra-se reunida em uma coletânea composta por cinco volumes intitulada "Memória Colonial do Ceará", que vai desde o ano de 1618 a 1754, provenientes do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC), além da bibliografia acerca do tema que também se faz presente nesse trabalho, que tem por objetivo auxiliar nas reflexões sobre o tema.

Palavras-chave: Indígena. Dominação. Resistência. Sertão. Violência.

1. Introdução

Com o avanço da pecuária no final do século XVII, na capitania do Ceará, cresceu a busca por novas terras, o que gerou o aumento de colonizadores portugueses, e também de outras nacionalidades, que seguiram em direção às zonas mais interioranas, situação que provocou uma série de conflitos entre esse novo grupo que na região adentrou e os povos que já estavam instalados naquela localidade. Este projeto tem por objetivo analisar as diferentes formas de resistência dos povos nativos, ao processo colonizador na capitania, no decorrer do século XVIII. A exploração dos povos indígenas assumiu várias formas - escravização ilegal, escravização pela chamada "guerra justa", usurpação das terras, submissão através de outras formas de trabalho

1 Universidade Regional do Cariri, email: thaismaria.bezerrafs@urca.br

2 Universidade Regional do Cariri, email: darlan.reis@urca.br

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: “INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC’S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO”



compulsório e a catequização. Diferentes povos habitavam os sertões cearenses, sendo que as disputas por terras com acesso às águas das ribeiras do Jaguaribe, causaram consequências terríveis para os nativos. Buscaremos apresentar quais eram os mecanismos de controle e conquista utilizados pelos colonizadores portugueses e, a partir disso, discutir sobre as formas de resistência que os grupos indígenas que viveram na região em meados do século XVIII adotaram como uma maneira de enfrentar a dominação e violência empregadas pelos primeiros europeus. As formas de resistência foram variadas: guerras, fugas, reivindicação de direitos, participação nas lutas políticas do período.

A narrativa colonizadora apresentava os nativos como sendo inferiores, ao mesmo tempo em que distinguia o “bom índio” – o que aceitava a dominação imposta, do “mau índio”, os que resistiam. A violência refletia-se em atos e, também, na linguagem. Os povos nativos são adjetivados como gentios e bárbaros (Pinheiro, 2008). O termo “gentio” é fortemente usado para expressar a ideia de pagãos infiéis e o termo “bárbaro” ao se referir a indivíduos tidos como selvagens despossuídos de leis ou normas. Um outro termo, que faz referência àqueles indígenas que resistiam ao contato com o europeu e a serem “domados”, e muito presente em diversos documentos, é a palavra “tapuia”, que faz alusão principalmente aos que estavam geograficamente localizados mais para o interior da capitania e eram considerados mais violentos.

A conquista da espacialidade não se deu sem resistência, o processo de dominação foi permeado de conflitos, porém proporcionou a formação da classe senhorial, detentora das terras, proprietárias de pessoas e que buscava o controle das águas, condição importante nos sertões cearenses. A ocupação do território obedeceu à lógica da administração colonial e seus imperativos – direcionar fluxos de pessoas e mercadorias, recolher impostos, arregimentar politicamente, contar a população. A apropriação das terras no Ceará levou em conta, a distribuição de sesmarias, a subordinação da população nativa, a política de impedimento dos camponeses de terem acesso às terras, a preferência pelas terras regadias, devido às condições geoclimáticas locais.

2. Objetivo

Analisar as formas de dominação dos colonizadores sobre os povos indígenas no Ceará setecentista.

Investigar as diferentes formas de resistências dos povos indígenas ao processo de dominação.

Analisar os discursos públicos e ocultos dos agentes colonizadores, dos proprietários e dos povos nativos.

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



3. Metodologia

A reflexão a partir da leitura da historiografia sobre o tema, combinada com as questões teóricas e a pesquisa nas fontes permitirá entender o contexto em que a documentação foi produzida e perscrutar as disputas, consensos, dissensos e resistências produzidas no contexto histórico, possibilitando a escrita sobre a história dos meios de dominação utilizados pelos colonizadores no Ceará colonial e as formas de atuação dos povos nativos na busca de sua sobrevivência por meio da resistência, no decorrer do século XVIII. Serão utilizados os referenciais metodológicos e os procedimentos propostos por Witold Kula, quando exige do historiador uma atitude crítica com respeito às fontes, além da importância do método comparativo (Kula, 1977, p.571).

Nessa pesquisa é utilizada a documentação em formato digital e textual, presentes no acervo do Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), laboratório vinculado do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA). A documentação utilizada encontra-se reunida em uma coletânea composta por cinco volumes intitulada "Memória Colonial do Ceará", que vai desde o ano de 1618 a 1754, provenientes do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e do Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC).

4. Resultados

Foram analisados os documentos reunidos na Memória Colonial do Ceará (Volumes I e II completos), e as Datas de Sesmaria. Das questões centrais da pesquisa atual, foi possível identificar os mecanismos utilizados pelos colonos e missionários para justificar suas ações de exploração e dominação contra os grupos nativos, e do território em questão, alegando que por meio do trabalho de catequização para com os indígenas, e o uso da mão de obra dos mesmos nas fazendas reais, seria possível a "salvação" desses grupos. Tais afirmativas foram infindas vezes usadas para justificar a escravização dos nativos e usurpação de suas terras, como consta em inúmeras passagens presentes nas fontes trabalhadas.

"(...) o incansável espírito que os religiosos da companhia de Jesus trabalham nas missões do Ceará, e o que têm obrado na conversão daqueles índios, não perdoando a nenhuma diligência para conduzir ao conhecimento a luz da verdade, desprezando não só as imensas desconfortabilidades que se sentem na aspereza daquele sertão (...)" (Carta do padre Ascenso Gago ao Rei. Coleção Memória Colonial do Ceará. Vol. I Tomo I, 2011: 331)

Na presente carta são narrados os feitos dos missionários responsáveis por aldear os indígenas que se encontravam em localidades mais interioranas da capitania. No trecho acima, o padre menciona a árdua tarefa de "conduzir" os

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



nativos ao conhecimento através da catequese. No mesmo documento há trechos sobre o uso da mão de obra indígena na manutenção do aldeamento coordenado por jesuítas e sobre o uso dos nativos para fins militares, objetivando a proteção da capitania.

(...) bem espiritual aos na redução e para o de Vossa Majestade o deve acrescentar em seus domínios maior número de vassallos, de que se considera receber uma grandíssima utilidade, porque por este meio se podem ajudar as defesas daquela mesma conquista, sendo os índios as fortalezas que a defendam, quando os inimigos desta coroa intentem senhorear aquelas serras, fazendo louvor. (Carta do padre Ascenso Gago ao Rei. Coleção Memória Colonial do Ceará. Vol. I Tomo I, 2011: 364)

É possível analisar a presença do discurso oculto de exploração, intrínseco na afirmação do padre, e usado para apresentar ao rei a necessidade que se faz em manter as missões jesuítas na capitania do Ceará. Além dos discursos ocultos sobre dominação, foram encontrados, em outras documentações do período, relatos que evidenciam atos de resistência por parte dos nativos, de maneira também mascarada.

"E que fosse notório que os ditos da família dos Montes e seus parciais das ditas aldeias deste Ceará chamadas Pernamerim, Paupina Aldeia Nova, Caucaia e Perangaba tirassem os índios, que acharem capazes de armas com ordem do dito syndicado e os levassem consigo para a ribeira do Jaguaribe (...)" (Autos de residência tirada ao ex-capitão-mor do Ceará, Manuel Francêc. Coleção Memória Colonial Vol. II tomo II, 2011: 56)

No relato consta a aliança formada entre grupos compostos por nativos e famílias de colonos, que têm por objetivo o apoio mútuo em possíveis conflitos. Tal acordo é muitas vezes desconsiderado como uma forma velada de resistência, mas é preciso ter em mente que tal dissimulação se trata de uma estratégia de sobrevivência, comumente utilizada por grupos subalternos.

"Talvez possamos dizer, portanto, que o poder das normas sociais expresso nas formas de cortesia requer muitas vezes que sacrifiquemos a sinceridade a um relacionamento mais fácil com nossos conhecidos. Um comportamento circunspeto pode admitir também uma dimensão estratégica: a pessoa a quem damos uma representação distorcida de nós mesmos poderá um dia estar em condições de nos prejudicar ou auxiliar de alguma maneira." (Scott, 2013, p.27)

É necessário buscar enxergar os grupos indígenas do período colonial além da ideia ficcional criada acerca deles, entender que esses sujeitos eram indivíduos dominados por seus romances, e acima de tudo, por seus interesses. É a compreensão sobre esse aspecto que torna possível estudá-los e observá-los

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



além da imagem fossilizada que foi construída, com o passar dos tempos, e que ainda é fortemente apresentada nos discursos da contemporaneidade.

5. Conclusão

Fica evidente os objetivos propostos pela pesquisa: analisar as formas de dominação adotadas pelos colonizadores e as resistências dos nativos diante de tais atos. A pesquisa está em andamento, e é notória a importância do presente trabalho para o debate historiográfico e para a formação de novos pesquisadores. É realizado o trabalho direto com as documentações, possibilitando o contato com a fonte, e por meio das leituras acerca da historiografia é possível a análise de tal material, gerando assim o surgimento de reflexões acerca do conteúdo presente nos documentos. Os objetivos e resultados esperados estão sendo devidamente alcançados.

6. Agradecimentos

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), pela concessão da bolsa de Iniciação Científica.

Ao Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC), onde estão presentes as fontes utilizadas em nossa pesquisa.

7. Referências

PINHEIRO, Francisco José. **Notas sobre a formação social do Ceará (1680 – 1820)** Fortaleza: Fundação Ana Lima, 2008

KULA, Witold. **Problemas y métodos de la Historia Económica.** Barcelona: Ediciones Península, 1977

SCOTT, James C. **A Dominação e a Arte da Resistência.** - Tradução Pedro Serras Pereira. Lisboa: Edição Livraria Letra Livre, 2013

Fontes:

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU): Memória Colonial do Ceará (volume I e II) – que se encontram no Centro de Documentação do Cariri-CEDOCC.